

**REVISITAR PARA COMPREENDER: EMOÇÕES E PROCESSOS DE
CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE JOVENS QUILOMBOLAS 16 ANOS DEPOIS****REVISITING TO UNDERSTAND: EMOTIONS AND IDENTITY CONSTRUCTION
PROCESSES OF YOUNG QUILOMBOLA PEOPLE 16 YEARS LATER****REVISITANDO PARA COMPREENDER: EMOCIONES Y PROCESOS DE
CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD DE JÓVENES QUILOMBOLAS 16 AÑOS
DESPUÉS**

10.56238/revgeov17n4-095

Ana Paula Moraes Camacho Estrela

Especialista em Artes visuais e Arteterapia, Especialista em Direito Civil e Processo Civil
Instituição: FACUMINAS, Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-RJ)
E-mail: camacholestrela40@gmail.com
Orcid: 0009-0008-9236-9433

Andréa King de Abreu Yamaguchi

Mestre em Educação
Instituição: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
E-mail: andyamaguchi@gmail.com
Orcid: 0000-0002-5297-8794

Mariana Moraes Camacho Reis

Mestre em Educação
Instituição: Universidade Federal Fluminense (UFF)
E-mail: moraesm378@gmail.com
Orcid: 0009-0008-7379-4020

Tatiana Moraes Camacho de Castro

Especialista em Formação de Professores em Empreendedorismo e Gestão para Ensino Médio,
Especialista em Arteterapia
Instituição: Universidade Federal Fluminense, Faculdade FACUMINAS
E-mail: tatiana_moraescamacho@yahoo.com.br
Orcid: 0009-0001-7025-8627

RESUMO

Este artigo revisita uma dissertação de mestrado defendida há 16 anos, com o objetivo de analisar, à luz da sociologia das emoções, a dimensão afetiva presente nas narrativas de sujeitos de uma comunidade quilombola no sul do estado do Rio de Janeiro. A pesquisa original, de caráter qualitativo, foi desenvolvida a partir de entrevistas com jovens e lideranças locais, abordando temas como família, território, cultura e participação comunitária. Neste trabalho, propõe-se uma releitura dessas entrevistas, buscando identificar emoções que atravessam os discursos, tais como vergonha, orgulho, pertencimento e medo, especialmente no que se refere às práticas culturais como o jongo e à construção



da identidade quilombola. Metodologicamente, realiza-se uma análise interpretativa inspirada na análise de conteúdo (BARDIN, 1979), articulada a uma perspectiva reflexiva sobre o lugar da pesquisadora no processo de produção de conhecimento. Os resultados evidenciam que as emoções desempenham papel central na constituição das experiências sociais e na ressignificação de práticas culturais, sendo fundamentais para compreender os processos de afirmação identitária. A distância temporal possibilitou uma ampliação do olhar analítico, evidenciando dimensões não tematizadas na pesquisa original.

Palavras-chave: Emoções. Identidade Quilombola. Jongo. Território. Releitura de Pesquisa.

ABSTRACT

This article revisits a master's thesis defended 16 years ago, aiming to analyze, from the perspective of the sociology of emotions, the affective dimension present in the narratives of subjects from a quilombola community in the southern region of Rio de Janeiro state, Brazil. The original research, qualitative in nature, was based on interviews with young people and local leaders, addressing themes such as family, territory, culture, and community participation. In this study, a reinterpretation of these interviews is proposed, seeking to identify emotions that permeate the narratives, such as shame, pride, belonging, and fear, especially regarding cultural practices such as jongo and the construction of quilombola identity. Methodologically, an interpretative analysis inspired by content analysis (Bardin, 1979) is carried out, articulated with a reflexive perspective on the researcher's position in the knowledge production process. The results show that emotions play a central role in the constitution of social experiences and in the re-signification of cultural practices, being fundamental to understanding identity affirmation processes. The temporal distance allowed for an expansion of the analytical perspective, revealing dimensions that were not addressed in the original research.

Keywords: Emotions. Quilombola Identity. Jongo. Territory. Reinterpretation of Research.

RESUMEN

Este artículo revisita una tesis de maestría defendida hace 16 años, con el objetivo de analizar, desde la perspectiva de la sociología de las emociones, la dimensión afectiva presente en las narrativas de sujetos de una comunidad quilombola en el sur del estado de Río de Janeiro, Brasil. La investigación original, de carácter cualitativo, se basó en entrevistas con jóvenes y líderes locales, abordando temas como familia, territorio, cultura y participación comunitaria. En este trabajo, se propone una reinterpretación de estas entrevistas, buscando identificar las emociones que atraviesan los discursos, tales como vergüenza, orgullo, pertenencia y miedo, especialmente en lo que respecta a prácticas culturales como el jongo y la construcción de la identidad quilombola. Metodológicamente, se realiza un análisis interpretativo inspirado en el análisis de contenido (Bardin, 1979), articulado con una perspectiva reflexiva sobre el lugar de la investigadora en el proceso de producción de conocimiento. Los resultados evidencian que las emociones desempeñan un papel central en la constitución de las experiencias sociales y en la resignificación de las prácticas culturales, siendo fundamentales para comprender los procesos de afirmación identitaria. La distancia temporal permitió una ampliación de la mirada analítica, evidenciando dimensiones que no fueron problematizadas en la investigación original.

Palabras clave: Emociones. Identidad Quilombola. Jongo. Território. Reinterpretación de la Investigación.



1 INTRODUÇÃO

A produção de conhecimento em pesquisa qualitativa não se encerra com sua escrita: os dados permanecem abertos a novas interpretações, sobretudo quando revisitados sob referenciais teóricos distintos e contextos históricos alterados.

Este artigo propõe uma releitura de dissertação de mestrado defendida há 16 anos, focada em práticas culturais – como o jongo –, relações familiares e construção identitária em comunidade quilombola do sul fluminense. Na época, a análise priorizou dimensões socioculturais e educativas, sem explorar sistematicamente as dimensões afetivas nas narrativas dos jovens.

Ao revisitar as entrevistas, evidenciam-se emoções como orgulho, vergonha, pertencimento e medo, que atravessam os discursos e estruturam experiências sociais. Inserido na sociologia das emoções – que as compreende como construções sociais organizadoras de práticas e relações (AGUILAR; VILLAGRÁN, 2013) –, este estudo responde: como essas emoções atravessam a identidade de jovens quilombolas e como são ressignificadas após 16 anos?

O intervalo temporal problematiza o papel do tempo no olhar analítico, desvelando novas leituras das experiências sociais e reforçando a relevância afetiva para educação quilombola e políticas identitárias.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A sociologia das emoções compreende que as emoções não são apenas experiências individuais, mas fenômenos socialmente produzidos e compartilhados (AGUILAR; VILLAGRÁN, 2013).

Ao articular emoções, corpo e espaço, Aguilar e Villagrán (2013) destacam que os territórios são vividos de forma afetiva, sendo atravessados por memórias, vínculos e experiências sensíveis. Essa perspectiva é fundamental para compreender a relação dos jovens com o território quilombola.

No campo da experiência estética e sensível, Didi-Huberman (2016) argumenta que as emoções produzem deslocamentos e transformações nos modos de ver e sentir, permitindo novas interpretações da realidade.

Kaplan (2013), ao tratar das juventudes, evidencia que emoções como medo, insegurança e pertencimento estão diretamente relacionadas às formas de inserção social. Já Certeau (1994) contribui ao destacar as práticas cotidianas como espaços de produção de sentido, nos quais os sujeitos reinventam suas experiências.

3 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de natureza interpretativa, baseada na releitura de entrevistas realizadas no contexto de uma dissertação de mestrado desenvolvida há 16



anos. O corpus é composto por entrevistas semiestruturadas com jovens e lideranças de uma comunidade quilombola, abordando temas como família, território, cultura e participação social.

A análise foi orientada pelos pressupostos da análise de conteúdo (BARDIN, 1979), com foco na identificação de categorias emocionais emergentes nas narrativas, tais como vergonha, orgulho, pertencimento e medo. No entanto, mais do que uma reclassificação temática dos dados, propõe-se aqui um deslocamento do olhar analítico, ao tomar as emoções como eixo central de interpretação.

Nesse sentido, a pesquisa assume também um caráter reflexivo, ao reconhecer que os dados não são neutros, tampouco se esgotam em uma única leitura. A releitura das entrevistas, após um intervalo de 16 anos, evidencia que determinadas dimensões — especialmente as afetivas — já estavam presentes nos discursos, mas não foram tematizadas na análise original.

Esse movimento implica reconhecer o lugar da pesquisadora como parte constitutiva do processo de produção de conhecimento. À época da pesquisa inicial, o olhar estava orientado por outras preocupações teóricas e analíticas, o que direcionou a atenção para determinados aspectos em detrimento de outros. No presente trabalho, ao adotar a perspectiva da sociologia das emoções, torna-se possível identificar e problematizar elementos que anteriormente permaneciam implícitos.

Tal reposicionamento dialoga com a compreensão de que o conhecimento é situado e historicamente construído, sendo atravessado pelas experiências, formações e deslocamentos da própria pesquisadora. Nesse sentido, a distância temporal não é entendida como um obstáculo, mas como condição de possibilidade para a ampliação do olhar analítico, permitindo novas interpretações dos dados.

Além disso, ao revisitar as entrevistas, a pesquisadora também revisita a si mesma, suas escolhas metodológicas e seus modos de escuta. Esse processo evidencia que a análise não é apenas um exercício técnico, mas também um movimento de implicação, no qual memória, experiência e sensibilidade se entrelaçam.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

4.1 VERGONHA E ORGULHO: EMOÇÕES NA RESSIGNIFICAÇÃO DO JONGO

As narrativas evidenciam um movimento de transformação emocional em relação ao jongo, que passa de uma experiência marcada pela vergonha para uma vivência atravessada pelo orgulho e pelo pertencimento.

Uma das jovens entrevistadas explicita esse processo ao afirmar: “antes assim eu tinha vergonha de dançar jongo [...] agora eu tenho maior orgulho de falar do jongo, de dançar o jongo”. Esse deslocamento revela o caráter socialmente construído das emoções, que se transformam à medida que os sujeitos ressignificam suas práticas culturais (AGUILAR; VILLAGRÁN, 2013). O jongo, nesse



contexto, deixa de ser apenas uma manifestação cultural para se constituir como espaço de afirmação identitária.

De modo semelhante, o relato de outro entrevistado evidencia o peso do estigma: “falavam que o jongo era macumba [...] eu mesmo não questionava, achava que não era do meu reduto”. A associação negativa revela como determinadas emoções — como medo e rejeição — são produzidas socialmente, especialmente em contextos marcados por preconceitos históricos. A posterior aproximação com o jongo transforma essa percepção, evidenciando o papel das experiências na reconstrução dos sentidos (DIDI-HUBERMAN, 2016).

4.2 PERTENCIMENTO E AFETOS: A DIMENSÃO EMOCIONAL DA COMUNIDADE

As entrevistas também destacam a centralidade das emoções na construção dos vínculos comunitários, nos quais a noção de família extrapola os laços consanguíneos e se amplia para o coletivo.

Uma das participantes descreve a comunidade como um espaço de forte conexão afetiva “mesmo aqueles que não são parentes se conhecem [...] muitos se preocupam uns com os outros”. Esse trecho evidencia que o pertencimento não é apenas uma condição social, mas também emocional, sendo sustentado por relações de cuidado, reconhecimento e convivência cotidiana. Nesse sentido, a comunidade é vivida como um espaço de afeto, no qual as emoções estruturam as relações sociais (KAPLAN, 2013).

Além disso, a forma como os jovens se referem às famílias reforça a dimensão simbólica e afetiva do território, que se constitui não apenas como espaço físico, mas como espaço vivido (AGUILAR; VILLAGRÁN, 2013).

4.3 EMOÇÕES E ENGAJAMENTO: A CONSTRUÇÃO DE UMA CONSCIÊNCIA COLETIVA

Outro aspecto relevante refere-se à articulação entre emoções e processos de engajamento político. A construção de uma consciência crítica aparece, nas narrativas, profundamente atravessada por experiências emocionais.

Um dos entrevistados afirma: “eu não vou ficar fazendo certas coisas porque tem muita gente precisando de mim lá fora”. A fala evidencia um sentimento de responsabilidade social que orienta suas escolhas e trajetórias. Esse tipo de emoção — que articula pertencimento, compromisso e identificação — contribui para a formação de sujeitos politicamente engajados.

Em outro momento, o mesmo entrevistado associa sua participação ao reconhecimento de sua voz: “eu tinha um espaço pra mostrar o que eu pensava [...] as pessoas davam importância pra mim”. Esse reconhecimento produz efeitos emocionais que fortalecem a identidade e incentivam a



participação, evidenciando que as emoções são elementos centrais na constituição das práticas sociais (CERTEAU, 1994).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A releitura das entrevistas, realizada à luz da sociologia das emoções, permitiu evidenciar que as dimensões afetivas não constituem aspectos periféricos das experiências sociais, mas elementos centrais na construção da identidade quilombola. Emoções como vergonha, orgulho, pertencimento e medo atravessam as narrativas dos sujeitos, organizando suas relações com o território, com as práticas culturais e com a coletividade.

Ao analisar essas narrativas, torna-se possível compreender que processos como a ressignificação do jongo, a construção dos vínculos comunitários e o engajamento social não se dão apenas no plano das práticas ou dos discursos, mas também no campo das emoções, que orientam percepções, escolhas e posicionamentos. Nesse sentido, as emoções emergem como dimensões constitutivas da vida social, contribuindo para a afirmação identitária e para a produção de sentidos sobre o pertencimento.

A distância temporal de 16 anos entre a produção dos dados e sua reinterpretação mostrou-se fundamental para a ampliação do olhar analítico. Esse intervalo possibilitou não apenas identificar aspectos anteriormente não tematizados, mas também problematizar os próprios limites da análise realizada no passado. Ao revisitar as entrevistas, evidencia-se que as emoções já estavam presentes nos discursos, ainda que de forma não nomeada ou secundarizada, revelando que os dados não se esgotam em uma única leitura.

Esse movimento de retorno aos dados implica, necessariamente, um reposicionamento da pesquisadora, que passa a reconhecer sua própria trajetória intelectual como parte do processo de produção do conhecimento. Revisitar a pesquisa é, também, revisitar as escolhas teóricas, os modos de escuta e as formas de interpretação que orientaram o trabalho original. Assim, este artigo não apenas analisa as emoções dos sujeitos pesquisados, mas também explicita o deslocamento do olhar da própria pesquisadora, evidenciando o caráter situado, processual e inacabado do conhecimento científico.

Por fim, o estudo reforça a importância de revisitar pesquisas anteriores como estratégia de aprofundamento teórico e metodológico, especialmente quando articuladas a novos referenciais analíticos. Ao evidenciar a centralidade das emoções na construção da identidade quilombola, o artigo contribui para o campo da sociologia das emoções e para os estudos sobre educação e território, indicando que compreender as dimensões afetivas das experiências sociais é fundamental para a análise de processos educativos, culturais e políticos em contextos marcados por memória, resistência e pertencimento.



REFERÊNCIAS

- AGUILAR, Miguel; VILLAGRÁN, Paula (orgs.). Cuerpos, espacios y emociones: aproximaciones desde las ciencias sociales. Ciudad de México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2013.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1979.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Que emoção! Que emoção? São Paulo: Editora 34, 2016.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Jongo no Sudeste. Brasília: IPHAN, 2005.
- KAPLAN, Carina. Os jovens e os seus medos sociais: da morte e de serem excluídos. Revista Teias, v. 14, n. 32, p. 252–264, 2013.

